

Nota Acerca das Cartas de Gramsci

Lúis Bensaja dei Schirò
(Professor na Universidade Lusófona)

António Gramsci, o grande teórico italiano do marxismo, morreu no dia 27 de Abril de 1937, vítima de hemorragia cerebral. Tinha 46 anos, feitos a 22 de Janeiro, e havia passado os últimos 10 anos da sua vida, em condições extremamente penosas, sobretudo (mas não só) por motivos de saúde, nas prisões do fascismo mussoliniano. Deputado eleito pelo Partido Comunista, a imunidade parlamentar que legalmente o protegia não foi suficiente para o salvar da prisão e da condenação a 20 anos, 4 meses e 5 dias de reclusão: *temos que impedir este cérebro de funcionar durante vinte anos, terá dito o juiz no acto da sentença!* Sem que isso signifique secundarizar a qualidade intelectual (e o intento pedagógico) da enorme produção jornalística que desenvolveu antes de ser preso, por um daqueles paradoxos em que a História é fértil, foi exactamente o decénio em que permaneceu na prisão o mais fecundo da criação gramsciana - os *Cadernos do Cárcere* e as *Cartas do Cárcere* - e, sem margem para dúvidas, o que o catapultou para o universo dos mais interessantes pensadores políticos do século XX.

Passaram quase 70 anos da morte de Gramsci. Ruíram os fascismos, para o bem e para o mal caiu o muro de Berlim, os partidos comunistas europeus desfizeram-se com as esperanças e as desilusões de tantos, a História foi sacudida pela brutalidade do terramoto das correntes revisionistas¹, com tudo o que trazem de positivo e de negativo. e hoje a questão que muitos se colocam é a da validade e a da actualidade, prática, imediata, concreta, do pensamento gramsciano neste terceiro milénio que, desorientado, dá os primeiros e inseguros passos, sem saber bem a caminho de que futuro. Interrogação de difícil resposta, mas seja ela qual venha a ser, neste constante fluxo e refluxo das vicissitudes humanas que Vico tão bem pressentiu, o valor intrínseco da especulação do grande pensador sardo (estejamos ou não de

acordo com ela) e a dimensão humana do seu sentir, esses permanecerão intactos, como património e herança do terrível século que passou. E, se é certo que os *Cadernos* permanecem uma obra de leitura obrigatória para conhecer, de facto, o pensamento de António Gramsci, a despeito do seu carácter fragmentário, por vezes mesmo hermético, e das polémicas dificuldades de interpretação que essa situação tem originado², a leitura das cartas é um complemento incontornável³ para compreender, não só o Homem em toda a sua dimensão, mas também o político, o militante, o dirigente, o arauto generoso de uma sociedade que pretendia nova, ou seja, mais justa no sentido distributivo. A discussão não é académica, bem pelo contrário: trata-se, no fundo, de descobrir quem foi verdadeiramente Gramsci e de clarificar alguns pontos chave da biografia que transparece dos seus escritos, nem sempre coincidente com a que tem sido construída pelas necessidades e pelos oportunismos da luta ideológica, fora e dentro da Itália.

Não é este o momento azado para discutir o complexo problema, mas fundamentalmente o que está em causa (muito mais do que aprofundar o seu relacionamento com o revolucionário Mussolini, que era o ídolo da juventude socialista) é saber-se qual foi a posição de Gramsci perante Estaline e a sua política de terror como forma de conquista do poder absoluto: do diferendo com Trotsky (assassinado em 1940), à eliminação dos velhos bolcheviques companheiros de Lenine e que com ele haviam feito a Revolução, Kamenev e Zinoviev (1936) e mais tarde Bukarine, entre muitos outros. O esclarecimento deste nó biográfico-ideológico é importante, não só porque nos pode fornecer (ou não) elementos sobre a modernidade antecipadora do pensamento gramsciano, mas também porque pode explicar o seu posicionamento no seio da política italiana, nomeadamente o seu desacordo com a linha política pragmática adoptada por Togliatti (que estando em liberdade o havia substituído na direcção do partido); o seu isolamento na prisão por parte dos outros detidos comunistas (chegou mesmo a haver uma tentativa de agressão), a partir do momento que levanta o problema (inovador, verdadeira pedrada no charco!) da necessidade de fazer anteceder a tomada do poder, logo após a queda do fascismo mussoliniano, de uma Assembleia Constituinte, o que entrava em choque com a palavra de ordem estalinista-togliattiana da conquista imediata do poder, linha política imposta pelo «evidente» colapso do sistema capitalista que se havia iniciado de forma irreversível com a crise de 1929 e que havia desembocado na política do social-fascismo que rechaçava qualquer entendimento com as forças democrático-burguesas (socialistas, sociais-democratas, republicanos, etc.) - avaliação que hoje sabemos errada e de trágicas consequências para a Esquerda europeia. Estes problemas que, ainda longe de um consenso generalizado, balançam entre a tradicional versão oficial dos estudiosos comunistas e a dos

chamados revisionistas, terão a ver com a falência de um acordo entre a Itália e a URSS para a libertação de Gramsci em troca de presos políticos que se encontravam detidos naquele país? E terá sido Togliatti, como ultimamente se tem insistido, a fazer abortar o acordo em relação ao qual havia uma disponibilidade do governo italiano? E se foi Togliatti, fê-lo para se manter (*de facto*) no cargo de secretário-geral ou para salvar o seu camarada de uma possível condenação que era o que Estaline reservava aos seus opositores - como aliás sublinhou Mussolini com evidente oportunismo mas também com uma ponta de realismo⁴? E terá isto tudo a ver com o corte, de parte a parte, de todos e quaisquer contactos entre o grande pensador sardo e o seu partido, ao qual havia sacrificado a vida e a liberdade?

Questões que não são de somenos, que estão longe de estar suficientemente esclarecidas, e para as quais não encontraremos respostas definitivas na correspondência de António Gramsci - que decorre entre Novembro de 1908 e Janeiro de 1937, num total que ultrapassa as seiscentas cartas conhecidas -, mas que por certo nos ajudarão a ver muito mais claro no emaranhado da teia de vicissitudes que constituem a vida, madrastra, do grande pensador sardo.

Em Maio de 1947, ainda no tumulto do pós-guerra, no meio do mais aceso da luta político-partidária, em que se chocam os interesses estratégicos dos Estados Unidos (que eram os do Vaticano de Pio XII, convaléscente da sua germanofilia) e da União Soviética, gerida pela mão de ferro de Estaline, sai a primeira edição das *Cartas do Cárcere*⁵, que apresentava um lote de 218 missivas (muitas delas apresentadas com cortes e supressões), seleccionadas das que então já se conheciam, com a justificação de que muitas tratavam de assuntos familiares ou que envolviam pessoas ainda vivas. A segunda edição desta obra data de 1965⁶ e inclui 428 cartas, das quais bem 119 inéditas, pois ao longo dos vinte anos que separam as duas edições uma centena de outras cartas tinham vindo a lume em diversas ocasiões, parcialmente ou na íntegra, sobretudo na mal-amada, mas incontornável, biografia de Giuseppe Fiori, já referida. É de presumir que a correspondência escrita a partir da prisão esteja completa.

Uma trintena de anos depois, em 1992, o conhecimento da epistolografia gramsciana alarga-se com a publicação das cartas escritas antes da prisão, isto é, entre 1908 e 1926⁷, totalizando menos de 200 missivas, que incluem as que foram dirigidas à família, imprescindíveis para se conhecerem as terríveis condições de vida (de fome, de frio, de doença, de exclusão) do desenraizado estudante Gramsci em Turim; as que, repletas da comovente ternura de um jovem apaixonado, foram enviadas à futura mulher, Júlia Schucht; e as primeiras com carácter político, muito importantes para ilustrar a lenta (e nem sempre consensual) subida do militante e do dirigente no seio da estrutura socialista e, posteriormente, comunista, endereçadas a

uma série de companheiros de luta, de Togliatti a Zinoviev, no meio de muitos outros.   possível, é sobretudo de esperar, que possam ainda vir a ser encontradas novas cartas escritas neste período de cerca de vinte anos (que termina em 1926, ano da prisão de Ant nio Gramsci), que são os da luta desigual, feita de violência, que acompanha a ascensão do fascismo mussoliniano, que em 1925 se transforma e se assume como ditadura.

O ano de 1997 vai ver a publica o de uma nova recolha de cartas (cerca de 850) que, embora não apresentando nenhuma inédita da autoria de Gramsci, pela primeira vez reúne, em ordem cronológica, toda a importante correspondência, escrita e recebida, trocada com a cunhada Tatiana Schucht ⁸ que, vivendo em Itália, foi uma inexc dvel amiga, fornecendo ao marido da irmã (doente e a viver na União Soviética com os dois filhos) todo o apoio moral e material que lhe foi possível. O volume, com mais de 1500 páginas, encerra com um precioso apêndice contendo minuciosas e interessantes notas pessoais de Tatiana acerca da prisão e do seu funcionamento para as visitas; a correspondência trocada com o economista Piero Sraffa (1898-1983), que vivia em Inglaterra e ensinava em Cambridge, o qual se manteve amigo de Gramsci e tentou com o seu prestígio minorar o seu sofrimento e até intervir no sentido da sua liberta o; e dois documentos importantes: uma carta pouco avisada, comprometedora mesmo, enviada a Gramsci por um camarada, que interceptada pela polícia fascista, levará o Juiz de Instru o a dizer: *Deputado Gramsci, você tem amigos que por certo desejam que fique um bom tempo na cadeia*⁹, e o famoso relatório sobre a situa o de Gramsci na pris o¹⁰, escrito por um preso comunista, a pedido da direc o do partido.

Os três volumes referidos cont m, portanto, toda a correspondência até hoje conhecida de e para Ant nio Gramsci. Mas há duas obras que, não trazendo nada de novo, isto é, de inédito, há que ter em linha de conta. A primeira, deve-se ao principal biógrafo de Gramsci, e chama-se precisamente *Vida através das cartas*¹¹, tratando-se de uma verdadeira autobiografia construída através de uma criteriosa antologia de cartas. A segunda, reúne 56 documentos (sobretudo cartas trocadas entre Gramsci, deputado comunista a viver em Roma, e Togliatti, representante do PCd'I junto do Comintern, em Moscovo) datados de 1926¹², que é o ano crucial em que a polícia fascista quase chega a dismantelar o Partido Comunista, prendendo grande parte do seu grupo dirigente, com Gramsci   cabeça, empurrando para a clandestinidade os poucos sobreviventes desta bem organizada onda de repressão, os quais, no entanto, conseguem pôr a salvo, em Moscovo, junto do Comintern, boa parte dos seus arquivos. S  em 1990, após um árduo trabalho de pesquisa, foi possível recuperar este acervo documental que põe a nu, sem margem para d vidas, o desacordo entre Gramsci e Togliatti sobre a estratégia política a adoptar pelos

comunistas europeus. Não devendo ser esquecido que, em 1926, falecido Lenine (Janeiro de 1924), Estaline está a intensificar com grande subtileza as suas manobras no sentido de conseguir o domínio absoluto do poder, eliminando (o que podia também ser feito pelo estrangulamento financeiro dos partidos comunistas lançados na clandestinidade) toda e qualquer oposição.

Em Portugal, António Gramsci foi editado com alguma largueza no entusiasmo do pós-25 de Abril: alguns terão pensado que o seu pensamento político pudesse servir para ajudar a construir uma sociedade socialista em Portugal. Depois, em paralelo com o avanço que foi consentido à Direita, e à medida que a palavra socialismo deixou de ser uma esperança e um programa e se transformou num anátema, esse surto editorial foi esmorecendo. Do que se publicou, de uma maneira geral, as traduções dos escritos gramscianos deixam muito a desejar - com a honrosa excepção das *Obras Escolhidas*¹³, traduzidas por Manuel Braga da Cruz, que infelizmente não contém nada das cartas. Os *Escritos Políticos*¹⁴ são essencialmente uma antologia da produção jornalística de Gramsci e incluem duas cartas, uma dirigida ao comité central do PCUS e outra a Togliatti sobre as perseguições em curso na União Soviética estalinista.

As cartas de António Gramsci permanecem, portanto, no nosso país, ainda uma descoberta toda por fazer.

Janeiro de 2005

NOTAS

- ¹ Relativamente a Gramsci, o último exemplo da revisão a que está sendo submetida a sua biografia e a problemática das suas relações com os partidos comunistas italiano (PCd'I) e soviético (PCUS) é constituído pelo livro de Luigi Nieddu, *António Gramsci - Storia e mito*, Veneza, Marsilio, 2004. É de justiça, no entanto, lembrar que as primeiras e polémicas objecções à biografia oficial do grande pensador, remontam à obra escrita pelo seu conterrâneo Giuseppe Fiori, *Vita di Antonio Gramsci*, Bari, Laterza, 1966 (1ª edição), traduzida em várias línguas, entre as quais o português (Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra). Que continue a não ser pacífico o estudo do comunismo italiano, depois da queda do muro de Berlim e do colapso da hegemonia da cultura marxista em Itália, prova-o o recente congresso, organizado pela Fundação Gramsci, de onde foram excluídos todos aqueles historiadores, alguns com larga bibliografia publicada, que questionam a monolítica versão oficial em tempos divulgada pelo PCI.
- ² No que se refere aos *Cadernos do Cárcere*, que são uma das principais fontes para a compreensão do pensamento gramsciano, pesem embora as ingentes dificuldades de leitura que levantam, existe desde 1975 uma edição crítica (cujos critérios de organização não se pretende aqui discutir), que tem o mérito de, pela primeira vez, apresentar de uma forma tão sequente e cronológica quanto possível o material confiado por Gramsci, a partir de Fevereiro de 1926, a um conjunto de cadernos, tantas vezes escritos em simultâneo (Antonio Gramsci, *Quaderni del Carcere*, 4 vols., Turim, Einaudi, 1975). Anteriormente

a esta edição, existia uma outra em que o conjunto fragmentário dos escritos gramscianos havia sido reunido sob grandes títulos temáticos, de uma forma inevitavelmente subjectiva e até mesmo arbitrária, que nem sempre tinha em linha de conta a sua génese e evolução cronológica, excluindo algumas partes e aglutinando outras, segundo um critério que hoje é acusado de não ter sido inteiramente inocente !

- ³ Há mesmo quem afirme (Aurelio Lepre, *Il prigioniero - Vita di Antonio Gramsci*, 2ª. Ed., Bari, Laterza, 2000) que o conhecimento do Gramsci pensador e da sua visão política são mais nítidos nas *Cartas* do que nos *Cadernos*.
- ⁴ Escreveu Mussolini no seu jornal, *Il Popolo d'Italia*, de 31 de Dezembro de 1937: *E morreu de doença, não de chumbo, como sucede na Rússia aos generais, aos diplomatas, aos dirigentes comunistas quando discordam - mesmo que só um pouco - de Estaline e como teria acontecido ao próprio Gramsci se tivesse ido para Moscovo.*
- ⁵ Dos *Cadernos*, na versão temática que foi a primeira, havia saído em 1945 um volume intitulado *Il Risorgimento*, que reunia (em 235 páginas) os escritos que Gramsci dedicara à unificação italiana, analisando-a de uma forma arguta e inovadora nos seus limites políticos - e que se pode considerar o primeiro volume do *corpus* que se pretendia construir.
- ⁶ Antonio Gramsci, *Lettere dal carcere*, 2ª. Ed., Turim, Einaudi, 1965 (organização e notas de Sergio Caprioglio).
- ⁷ Antonio Gramsci, *Lettere - 1908-1926*, Turim, Einaudi, 1992 (organização e notas de Antonio A. Santucci).
- ⁸ Antonio Gramsci - Tatiana Schucht, *Lettere 1926-1935*, Turim, Einaudi, 1997 (organização e notas de Aldo Natoli e Chiara Daniele).
- ⁹ A informação é dada pelo próprio Gramsci numa carta dirigida a Tatiana em data de 5 de Dezembro de 1932 (Cfr. Antonio Gramsci - Tatiana Schucht, ob. cit., p. 1137). A carta em questão, da autoria do (pouco sagaz?) dirigente comunista Ruggero Grieco, datada de Fevereiro de 1928, foi publicada só em 1968: fundamentalmente, ao elogiar o papel de Gramsci no seio do partido, acaba por o transformar no principal responsável pela sua acção (subversiva) na Itália e (antipatriótica) no estrangeiro. Grandes têm sido as polémicas em torno das intenções e das motivações deste estranho escrito, mas o biógrafo Giuseppe Fiori, com toda a autoridade e independência que lhe são reconhecidas, aceita não ter sido mais do que uma imperdoável ingenuidade.
- ¹⁰ O chamado relatório Athos Lisa, que tem o nome de quem o elaborou, tem data de Fevereiro de 1933 e só foi publicado em 1964: é o principal documento sobre a violenta rotura que se verificou entre o pensador sardo, acusado de trair a linha política do partido, e os outros reclusos comunistas. Lisa esteve cerca de um ano na prisão com Gramsci e teve oportunidade de presenciar os factos que relata.
- ¹¹ Antonio Gramsci, *Vita attraverso le lettere*, Turim, Einaudi, 1994 (organização e prefácio de Giuseppe Fiori).
- ¹² Chiara Daniele (org.), *Gramsci a Roma Togliatti a Mosca - Il carteggio del 1926*, Turim, Einaudi, 1999 (com um ensaio introdutório de Giuseppe Vacca). Este extenso ensaio (cerca de 150 páginas) é importante porque permite, com base em nova documentação, corrigir algumas conclusões anteriormente sugeridas sobre o diferendo suscitado pelas divergências de Gramsci.
- ¹³ Antonio Gramsci, *Obras Escolhidas*, 2 vols., Lisboa, Estampa, 1974.
- ¹⁴ Antonio Gramsci, *Escritos Políticos*, 4 vols., Lisboa, Seara Nova, 1976/1978.